

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE NOVEMBRO DE 1909

N.º 260



Sua Alteza o Príncipe Real Senhor D. Affonso
Regente do Reino
Durante a ausencia de El-Rei o Senhor D. Manuel

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

O escriptor feminista G. Aubray, em um dos seus bellos estudos sobre a mulher, disse que descrever em meia duzia de linhas o que ás vezes pensamos d'uma senhora, quando possui brilhantes dotes de intelligencia, é um problema litterario difficil de resolver.

Encontro-me presentemente n'essa intrincada situação e, francamente, perante a minha mente passa muitas vezes a phrase do illustre psychologo francez!

A ex.^{ma} sr.^a Viscondessa de Sacavem (D. Mathilde), occupa na nossa primeira sociedade um logar preponderante.

Dotada de altos dotes intellectuaes, a sua instrução acompanha a evolução litteraria: fala uns poucos de idiomas e conhece as prin-



A sr.^a Viscondessa de Sacavem (D. Mathilde)

(Cliché de Francisco Mathias — amador).

cipaes obras dos escriptores francezes, inglezes e allemães. De alma verdadeiramente vibratil ao sentimento, adora a obra do grande poeta Rostand, assim como conhece a suggestiva psychologia d'um Bourget, o symbolismo d'um Maeterlink, ou a critica revolucionaria d'um Nordau.

As suas lindissimas casas de Lisboa e Caldas da Rainha são modelos de bom gosto, respirando-se em ambas uma atmosphera de Arte. Os seus salões são verdadeiros museos de mobiliario, objectos antigos e joias de grande valor.

As suas *toilettes* teem sempre um cunho de elevado gosto parisiense, o mesmo que dizer, de uma refinada elegancia.

A senhora Viscondessa de Sacavem (D. Mathilde), é tambem no nosso meio aristocratico o prototypo da Bondade, sempre propensa ao Bem, espalhando a alegria em torno e alliviando a miseria de muitos que soffrem.

Sylis.

EM FÓCO

Um rapaz portuguez, de familia brasileira, educado á ingleza n'um collegio francez...

Em vista d'isso parece que devia ter saído um producto sem caracter definido. Pois saiu um *gentleman*, tão original como sympathico, inconfundivel no esmero da *toilette*, inconfundivel na correcção das maneiras e até inconfundivel... na fala!

Durante annos *deu a hora* em Lisboa. As suas carruagens e os seus cavallos serviam de modelos. Foi *l'homme du jour*. Mas como



João Bregaro

a sua bolsa estava sempre tão aberta como a sua alma, hoje já não atravessa Lisboa puxado a duas parellhas!

No entanto a sua elegancia existe ainda intacta e o seu bom-humor tambem. E' que o verdadeiro homem do mundo nunca perde a linha, quer perca um conto de réis ao jogo de cartas, quer perca uma fortuna ao jogo da vida!

Por isso nem um amigo lhe fugiu, nem uma sympathia lhe esfriou. A prova teve-a no Gremio Litterario quando o fizeram director e ainda ha tempo em Cascaes quando os actuaes directores do *Sporting* o foram buscar para os ajudar na Semana de festas. E tudo sem precisão de galopins.

JOTA.

O Representante de Pedro Alvares Cabral

Algés 31 d'outubro de 1909.

... Sr. Director do *Brasil-Portugal*.

Publicou o *Brasil-Portugal*, por occasião do centenario da guerra Peninsular, uma gravura, apresentando o Ex.^{mo} Sr. Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca como representante do Conde de Amarante e seu neto, o filho primogenito dos Ex.^{mos} Marquezes de Castello Melhor, como representante de Pedro Alvares Cabral.

Ora o representante de Pedro Alvares Cabral é D. José Maria de Figueiredo Cabral da Camara, filho primogenito dos 3.^{os} Condes de Belmonte, que sem contestação teem sido sempre reconhecidos como os representantes do pae de Pedro Alvares Cabral e portanto do tronco principal dos Cabraes, e são egualmente representantes do descobridor do Brasil, porque as ordenações manoequinas determinam que, quando a descendencia de um filho 2.^o não seja lidima, a representação reverta ao tronco principal.

O filho dos Ex.^{mos} Marquezes de Castello Melhor não póde representar Pedro Alvares Cabral.

1.^o Porque só o poderia representar se os Marquezes de Ponte de Lima, cuja casa e representação herdaram, tivessem direito a essa representação.

2.^o Porque os Marquezes de Ponte de Lima nunca herdaram vinculo, nem usaram o apellido de Cabral, como é obrigação expressa na lei em taes casos e justamente por não terem esse direito.

3.^o Porque as ordenações lh'o não permittiam, pelo facto de não ser lidima a descendencia, que tinham de Pedro Alvares Cabral, por uma senhora neta d'este, que lhes levou bens, mas não herdados dos Cabraes, nem lhe podia tambem, e com mais razão, levar a representação, que pelas leis da época regressara ao tronco principal.

Parece-me pois ter claramente demonstrado, que o representante de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil, é meu irmão D. José Maria de Figueiredo Cabral da Camara, filho primogenito dos 3.^{os}

Condes de Belmonte, o que é facil de verificar consultando as ordenações da época e a Historia Genealogica.

Houve pois uma inexactidão, de que só agora peço a V. Ex.^a a rectificação, por não ter tido ha mais tempo conhecimento da gravura a que me referi, a qual, tambem foi reproduzida no *Portugal em Africa*, que já rectificou o engano.

Peço a V.^a a fineza da publicação d'esta carta na revista *Brasil-Portugal*, pelo que me confesso desde já muito grato e com toda a consideração e estima,

De V....

D. Nuno Maria de Figueiredo Cabral da Camara

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

A viagem de Sua Magestade El-Rei á Hespanha, Inglaterra e França. Um acto diplomatico de grande significação. Nós e o

estrangeiro. Do regicidio para cá. Faz-se votos por que a viagem do Soberano produza os seus naturaes e beneficos effeitos. — *Bombas. Quem nos diria: o portuguez anarchista! Os casos de ha dois annos e os casos de agora. O que a policia sabe e que não sabe nada. Variações sobre a vida, o desprezo por ella e o direito a ella. Cala-te boca! — O inverno é annuciado por duas festas, uma elegante, outra galante.*

Quando o presente numero do *Brasil-Portugal* fór distribuido, Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II, rei constitucional, que o tem sido lealissimamente, estará prestando ao seu paiz, com a sua viagem pelo estrangeiro, o maior dos servicos do seu curto reinado. Ocioso nos parece encarecer o alcance diplomatico da jornada real, por tantos motivos necessaria, e que só agora poude realizar-se. Ninguem ignora, e não ha ainda muito aqui o dissemos, que a nossa situação perante o estrangeiro, depois do regicidio, era muito melindrosa. A pouco e pouco foi-se desanuviando, felizmente; mas a impressão causada lá fóra pelo duplo crime que constitue a mais negra pagina da nossa historia estava longe de desvanecer-se completamente. Na imprensa europeia, nas proprias relações diplomaticas, a friesa com que temos sido tratados depois d'essa data fatal do primeiro de fevereiro do anno findo accusava nitidamente o excepcional melindre da situação portugueza para com estranhos. Urgia, pois, acabar com essa situação a todos desagradavel, mormente para nós, por um acto habil de diplomacia, e ne-



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel

*A comitiva que acompanhou El-Rei
na sua primeira viagem
ao estrangeiro*



Coronel Barbosa du Bocage
Ministro dos Negocios Estrangeiros



Conde de Sabugosa
Mordomo-mór do Paço



D. Thomaz de Mello Breyner
Medico da Real Camara



D. Fernando de Serpa
Ajudante de campo de El-Rei



Visconde de Asseca
Official ás ordens



Marquez do Lavradio
Secretario particular de El-Rei



Marquez de Fayal
Camarista



Antonio Bandeira
Secretario do ministro dos estrangeiros



Conde de Tovar
Ministro de Portugal em Madrid



Condessa de Tovar

nhum seria tão eficaz e decisivo como a viagem do Senhor D. Manuel.

Ainda d'esta vez foi a boa amizade da Inglaterra quem veiu em nosso auxilio. Foi de lá que veiu a *deixa*, como se diz em linguagem de theatro. O grande rei e grande amigo de Portugal, que é Eduardo VII, provocou esse acto de extraordinario alcance, convidando o monarcha portuguez, por carta autographa, a visitar a Inglaterra.

Esse acto de extrema cortezia que no fundo foi, tambem, um grande apoio moral, conjugado com a visita embora intima do Rei D. Alfonso XIII ao monarcha portuguez em Villa Viçosa, deram ensejo a esta jornada que a muitos se afigurou, até ainda ha pouco, uma viagem antenupcial. O orgão de um dos partidos monarchicos de feição mais retintamente conservadora dizia-se ha dias perfeitamente informado negando essa feição á visita official de El-Rei ás cortes ingleza e hespanhola e, particular, á França.

Como quer que seja, porém, o alto significado da viagem real só a nescios passará despercebido. D'ella resultará, fatalmente, um estreitamento de relações que, mercê de Deus, não estavam interrompidas, mas muito haviam esfriado. Na pessoa de Sua Magestade, o paiz rece-



Alfredo Casanova
Addido à legação portugueza em Madrid

berá, sem duvida, provas de mais alguma coisa que deferencia pessoal por quem, por todos os titulos, de todas é digno. Todas as carinhosas, cordeas e respeitosas homenagens prestadas a El-Rei nos paizes que mais intimamente estejam ligados á nossa politica diplomatica, redundarão em beneficio de Portugal que, assim, se reconciliará — é o termo — com os que o não viam ultimamente com bons olhos.

Como todos os bons portuguezes amantes da sua patria e fieis ás instituições que a regem, faremos os mais ardentes votos pelo feliz resultado da viagem do Senhor D. Manuel II. Vae n'isso não só a satisfação do nosso legitimo orgulho mas tambem o nosso proprio interesse.

Bombas...

Quem nos diria, aqui ha meia duzia d'annos, que o portuguez viria a fazer uso de bombas que não fossem as de pataco, em noites ou dias que não fossem consagrados a festejar Santo Antonio, S. João ou S. Pedro? Quem suporia semelhante coisa? O portuguez anarchista de acção! Aquelle que tal hypothese aventasse seria classificado de doido varrido, pelo menos.

E, no entanto, ha dois annos, explosões ca-



Francisco Calheiros
Secretario da legação de Portugal em Madrid



Madame Calheiros
Esposa do secretario da legação de Portugal em Madrid



D. Affonso XIII, rei de Hespanha



A rainha de Hespanha, D. Victoria Eugenia

suaes que alarmaram Lisboa e victimaram os proprios fabricantes de bombas explosivas, denunciaram providencialmente a existencia do anarchismo de acção entre nós. Foram os casos da Estrella e da rua do Carrião. Depois nunca mais se falou n'isso, como se todos tivessemos combinado esquecer um mau sonho. Nenhum facto ulterior veio, até ha pouco, alterar a pacatez da vida lisboeta. Julgou-se até que os dois casos referidos não deviam ser attribuidos a intuitos anarchistas, mas sim que haviam sido determinados por circumstancias de momento.

Agora rebenta uma bomba, felizmente sem consequencias, no

cunhal d'uma janella da egreja de S. Luiz Rei de França. E dias depois é encontrada outra bomba, com a mécha accesa, na egreja do Corpo Santo. A noticia corre, veloz, a cidade, recebida com sorrisos de mofa ou com um indifferente encolher d'hombros.

— Manigancias dos jesuitas!

— Historias para armar ao effeito!

— Lérias!

A policia, entretanto, chama peritos que examinam a bomba. E estes declaram que se ella explodisse, a egreja iria pelos ares. Vamos que para manigancia, historia para armar ao effeito e léria, já não é nada mau uma bomba capaz de fazer ir pelos ares um edificio solido como a egreja do Corpo Santo!

E é tudo quanto se apura— que a bomba era das taes de respeito. Quem a fabricou e a levou á egreja? Sabe-se lá! Pode lá alguem saber? A policia? Mas como, se ninguem denuncia á policia o criminoso? Essa é muito boa! Soubesse a policia quem elle era e estivesse elle disposto a deixar-se apanhar e outro gallo lhe cantaria! Mas assim... Vá lá alguem adivinhar quem foi! Milagres? Já lá vae o tempo. Adivinhar? Isso é com madame Brouillard, alli em baixo, na rua do Carmo. A policia, vamos lá!—lastima o caso, faz votos por que elle se não repita e declara-se prompta a carpir a triste sorte de alguma futura victima se o caso se repetir e tiver consequencias tragicas. Mais não pode fazer. Impossiveis ninguem os faz!



A rainha D. Maria Christina, mãe de D. Affonso XIII



Infanta D. Maria Thereza, irmã do rei de Hespanha

Eu sou uma d'aquellas pessoas que tem grande desprezo pela propria vida. Porque estou farto d'ella? Porque entendo que não vale a pena andar por cá aos trambalhões? Isso não vem para aqui. O certo é que eu tenho desprezo pela propria vida. Tanto me preocupa o caso de passar d'esta para melhor estilhaçado por uma bomba como o de esticar o pernil asfixiado por uma angina pectoris. Ha de



Infantas D. Izabel e D. Eulalia, tias de D. Affonso XIII

ser o que Deus quizer. Mas conheço muita gente, e muito boa gente, que tem amor á vida e a quem, de resto, vale a pena andar por cá — e a quem reconheço o plenissimo direito de ter essa aspiração quando ella não represente um pedido . . . de licença illimitada.

Assim, se não me preocupa a ideia de que a thesoura da Parca implacavel venha cortar o borbante da minha existencia, não deixo de ter no devido apreço o precioso fio da existencia dos outros. E se estiver ao meu alcance evitar thesouradas que ameacem o proximo, não haja duvida a tal respeito: evito-as.

Sinto que em nenhuma circumstancia seria capaz de matar; nem em legitima defeza. Porque seja um santo? Nem pensar n'isso é bom. Por dois motivos: o primeiro, porque não valeria a pena tirar a vida a quem talvez me fizesse a lineza de me aliviar do peso da minha; segundo, porque se a minha vida já é realmente insupportavel com o que por cá vae, com o contrapeso de um homicidio seria então um d'esses flagellos de se lhe tirar o chapéu! Digo-lhes isto com o coração nas mãos. O meu caso é este: além do exposto tenho medo do remorso. E, dentro da logica, odeio instinctivamente quem não seja apto a sentil-o...

N'este caso está o anarchista de acção. E' uma fera — e uma fera não tem consciencia. Logo, não é susceptivel de remorso. Uma fera! E as feras quando desceem ao povoado, caçam-se...

Meu Deus, porque caminho eu ia tomando!... Então não ia cahindo no ingenuo langará de estranhar que a policia ..

Eu ainda vou parar a um calabouço do governo civil! Oh! se vou!...

Antigamente o inverno era oficialmente annunciado pelo primeiro cartaz de S. Carlos. Era coisa certa e sabida. Parecia até que as primeiras chuvas estavam de prevenção, á espera que os cartazeiros do D. Thomaz de Mello apparecessem n'essas ruas de escadote ao hombro, maço de cartazes debaixo do braço e caldeiro de grude na mão, para cahirem, impertinentes e meudinhas, como que peneiradas, empapando o leito do Chiado, tapetando-o d'essa lama chic que tem dado para tudo: ensejo para versalhadas de poetas decadentes, ensejo para a exhibição de pernas de mulheres bonitas.

Alixado o cartaz de S. Carlos, as senhoras vinham para a rua com as novidades trazidas pelas modistas, lá de fóra, e os homens arejavam os *sobretudos*, ainda trescalando a nephtalina, como se tivessem sahido de um posto de desinfecção. Como era chic tossir, para fingir de constipado (a transição da temperatura magnifica de tal praia para a variavel temperatura d'esta horrivel Lisboa!) tossia-se pelos cantos, chupava-se uma pastilha de gomma-arabica e recomeçava a chamada vida elegante, que é uma semestral festança a que nunca falta a D. Constança.

Depois houve uma alteração. Foi o theatro D. Amelia quem passou a dar cartas n'este caso grave de inaugurar o inverno. A pri-

meira recita de assignatura do elegante theatro do Thesouro Velho passou a marcar o primeiro dia de inverno. Esse acontecimento foi pouco depois secundado por outro, menos ruidoso e chic, mas não menos apreciavel: a exposição de crysanthemos, que se realiza tambem nos primeiros dias de novembro pela iniciativa da camara municipal de Lisboa.

A d'este anno pouquissimo adeanta á do anno passado. Ou nos enganamos muito ou o catalogo d'este não foi enriquecido com novas castas. Pois não era muito difficil augmental-o. Ainda assim o galante *certamen* foi muito interessante, merecendo melhor e maior concorrencia.

E visto que estamos no inverno, minhas senhoras e meus senhores, divirtam-se muito e constipem-se o menos possivel.

CAMARA LIMA.

Assumptos de educação. Rousseau

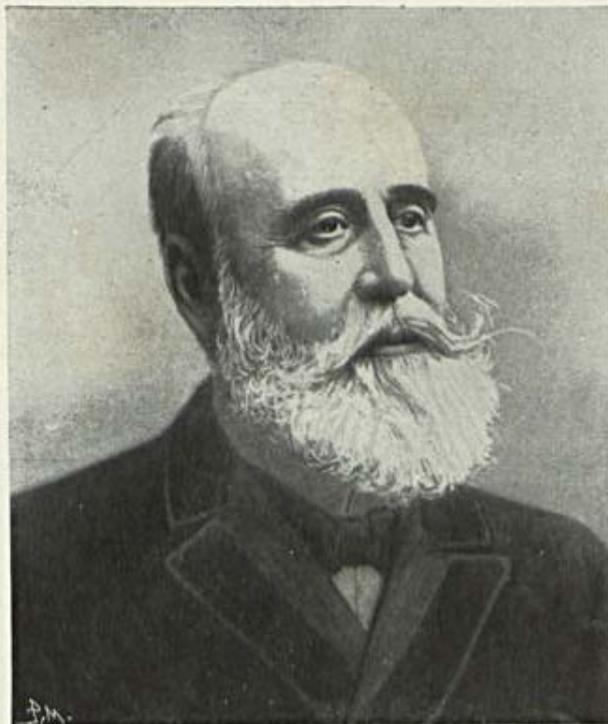
O seculo XVIII e Rousseau

A theoria da educação de Rousseau é uma consequencia das ideias philosophicas e sociaes que dominaram no seculo xviii. Não se pode por isso comprehender sem possuir o conhecimento da mentalidade d'esse tempo, do caracter d'essa época, e dos ideias que se tentava realizar.

O caracter fundamental do seculo xviii é a lucta contra todas as fórmas de auctoridade, quer religiosa, quer politica, quer philosophica. Inaugurou-se a era do racionalismo, submettendo-se a solução de todos os problemas á critica da razão, independentemente de qualquer auctoridade.

A philosophia que até esse tempo não sahira do campo especulativo, que não pensara em dar realisação social ás suas soluções, transformou-se em arma de combate, e emprehendeu demolir a tradição e as instituições do passado.

Ao mesmo tempo que negava e destruía, a philosophia do seculo xviii pretendeu edificar uma sociedade nova. Para ella o homem na-

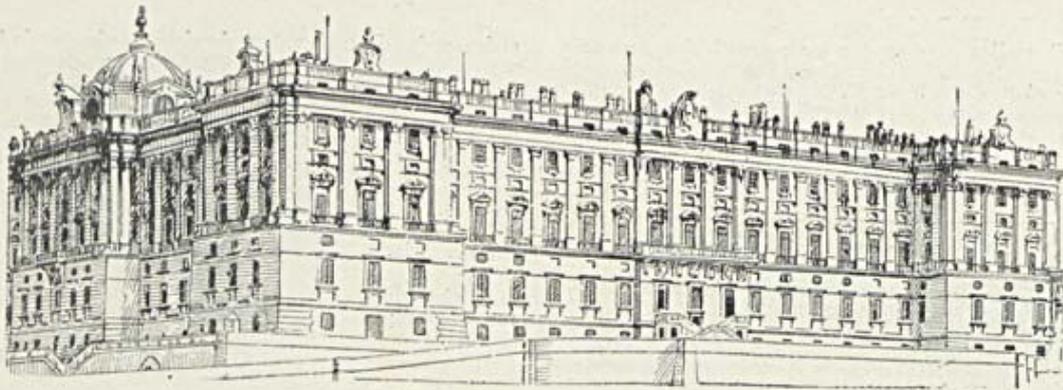


D. Segismundo Moret

Actual presidente do gabinete hespanhol

turalmente bom tinha sido corrompido pela civilisação; e os direitos absolutos, inalienaveis e imprescriptiveis do homem eram injustamente desconhecidos ou negados pela sociedade. Restabelecer esses direitos era o ideal a realizar.

A esse caracter fundamental associava-se naturalmente um outro: a reivindicación do direito de personalidade e do sentimento im-



O palacio real de Madrid

mediato da alma contra qualquer auctoridade, a reivindicação do direito de natureza contra a civilisação.

Não era pois essa philosophia puramente negativa e dissolvente. Ao lado da critica violenta, radical, applicada a todo o passado, havia tambem o dogmatismo, a convicção de que se davam as soluções definitivas do mundo e da vida. Demolia, mas tentava reconstruir.

Não vem a proposito fazer a critica d'essa philosophia, nem apreciar a missão historica dos homens que presidiram ao movimento. Para o nosso fim, o que importa é conhecer o caracter d'essa época para determinar a influencia que ella exerceu na theoria educativa de Rousseau.

A corrente philosophica do seculo xviii accentuou-se com maior intensidade na França por virtude de condições historicas especiaes, os seus principaes representantes, como Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Diderot, etc., não obstante os seus erros e as suas inconsequencias, tinham fé no progresso e na humanidade, e luctavam animados de um sentimento intenso e com desejo ardente da verdade. Quaesquer que sejam as theorias politicas e sociaes que se professem, não se pode negar a esses homens a justiça que merecem.

Quanto á questão educativa a pedagogia experimenta notaveis progressos. E n'esse movimento a favor da educação occupa sem duvida Rousseau o primeiro lugar. Com elle a pedagogia constitue-se em sciencia independente; a educação deixa de ser a preocupação exclusiva de alguns intellectuaes e começa a interessar o publico.

Qualquer que seja a critica que se faça ao *Emilio*, não se pode negar que essa obra, talvez a melhor de Rousseau, produziu uma verdadeira revolução, e provocou o interesse que desde esse momento se dirigiu para a educação.

Nem os que se occupam da educação, quando recordam Rousseau, podem esquecer que no seculo xviii foi elle o que mais se preocupou e se occupou da creança.

II

A vida de Rousseau

A vida de Rousseau não podia deixar de exercer influencia na sua personalidade e na orientação do seu espirito. Não falaremos das suas fraquezas, da sua ingratição e das suas torpezas. A mãe morreu quando elle veio ao mundo (1712). O pae, incapaz de o dirigir, abandonou-o, quando tinha sete annos. A sua mocidade foi a de um bohemio. Conheceu a miseria e a gloria. A sua conversão ao catholicismo por dinheiro, a sua ligação com Madame de Warens, a sua união desgraçada com Thereza Levasseur, a ingratição com Da-

vid Hume que o protegeu, quando era expulso de toda a parte, a sua mysanthropia e o odio á sociedade da qual fugia, a monomania da perseguição, o abandono dos filhos, são factos que denunciam um espirito desequilibrado, e uma alma mal conformada. Mas tudo isso não destruiu a influencia que Rousseau exerceu no mundo e nos progressos da educação.

A sua vida errante e cheia de aventuras deveria desenvolver



O render da guarda de infantaria no palacio real de Madrid

n'elle com intensidade a vida do sentimento, e favorecer a imaginação e o espirito romanesco, como elle mesmo lhe chamava. Para elle, diz um escriptor, o sentimento immediato da alma vae mais longe que qualquer relação de auctoridade ou que qualquer reflexão critica. A esse sentimento, que é o fundamento de todo o valor da vida, não se lhe pode oppor qualquer tradição ou auctoridade.

III

A civilisação opposta á natureza

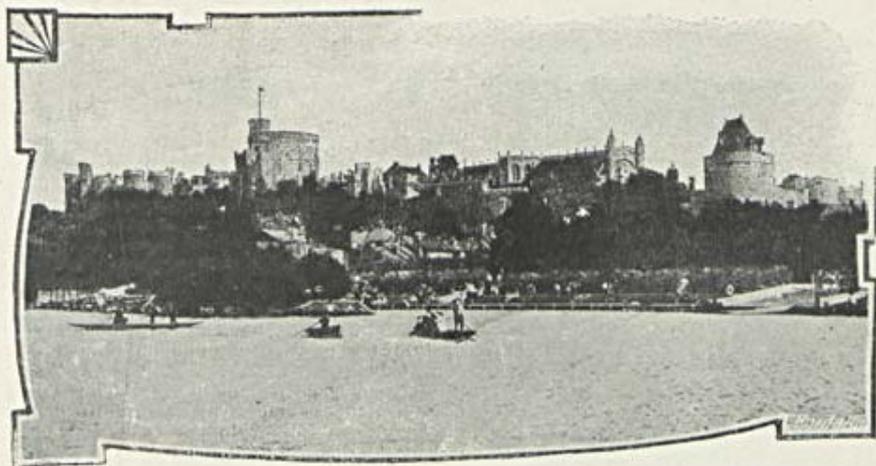
A orientação de Rousseau manifestou-se na sua primeira obra philosophica. Uma academia franceza tinha proposto um problema: se o progresso das sciencias e das artes contribuiu para corromper ou moralisar os homens. Rousseau veio ao concurso e negou a influencia moralisadora da civilisação. Para elle a civilisação produziu um verdadeiro desequilibrio entre as forças e as necessidades do homem; Rousseau creava um mundo novo que era o livre desenvolvimento do sentimento humano, da alma e da personalidade, e oppunha-o ao mundo artificial, producto da civilisação, mundo formado de injustiças e de violencias.

Essa idéa define-a com mais precisão na obra: *De l'origine de l'inégalité parmi les hommes*. Ahí glorifica elle o estado de natureza e nega que tivesse sido um bem a passagem d'esse estado para o da civilisação.

Essa idea nunca o abandonou. Foi sempre n'elle intenso o sentimento de admiração pela natureza e o gosto pela vida primitiva. Já Hobbes no seculo xvii tinha falado do estado de natureza, caracterizado pela guerra de todos contra todos. Rousseau rejeita essa concepção do philosopho inglez. No seculo xviii pensava-se que o homem era naturalmente bom, que a piedade era um sentimento primitivo e humano. Para Rousseau o estado de natureza era o verdadeiro periodo da felicidade, caracterizado pelo equilibrio entre as necessidades do homem e as forças de que dispõe para as



O render da guarda de cavallaria no palacio real de Madrid



O castello do Windsor, onde El-Rei se hospeda durante a sua estada em Inglaterra, visto do Tamisa

satisfazer. Esse estado de equilibrio rompeu-se, quando com a civilização nasceu a comparação, a reflexão, o desejo e a duvida.

No entretanto não é o estado mais primitivo o preferido pelo philosopho suíço, mas aquelle que estabelece a transição, aquelle em que começa a civilização e a vida social.

(Continúa).

Marques Mano.

O café Martinho

Passou por elle a civilização, que em guindados arrebiques de embelezamento veio tirar toda a poesia da sua longa historia, tão varia e accidentada, de tal notoriedade, que o antigo Martinho não pode desaparecer do mundo dos vivos, como qualquer estabelecimento, que tivesse um dia aberto as portas para as fechar d'alli a pouco, não deixando de si a mais banal noticia.

Ora, limpo com extremos de cuidado a vassoura e panno, reflectindo alegremente a luz do dia no marmore das mezas, não occupado, é claro, pelas paginas sem fim do *Jornal do Commercio*, ou do *Commercio de Portugal*; ora, arrazado, como as chronicas dizem que o foram varias cidades antigas, com toda a mobilia feita em estilhaços, quando por lá passava o vendaval de qualquer bernarda, ora, com a luz vacillante do gaz a arrancar scintillações da careca luzidia de qualquer conselheiro Acacio a esparecer-se n'aquella região; ora, de vélas accesas em gargalos de garrafas, quando a *grêce* dos gazomistas nos deixou ás escuras—esse Martinho, que ainda ha pouco se ia arrastando nos seus ultimos dias, não merece o mesmo registro que o convento de bernardos, cuja chave da bibliotheca esteve jazendo durante annos n'uma algibeira do defunto superior não se dando por falta d'ella.

Sem espelhos em profusão espalhados pelas paredes, ou columnas de qualquer feitio, nem com a avidez do espaço a arremeçá-lo ao segundo andar; só com o nariz do Valentim, duas duzias de mezas e de cadeiras, gabinete meio reservado para pessoas graves, e a *coelheira* onde caturravam alguns velhos, ao pé do balcão de serviço dentro da zona de alcance d'aquelle celebre nariz a que acima me reporto—apenas com estes, e não pequenos predica-dos, era o café de mais tom que por ali havia.

As myriades de cartas de conselho, que durante boas dezenas de annos choveram sobre este paiz, foram recebidas quasi na integra e nas suas quatro especies pelos freguezes do estabelecimento, os quaes, tendo entrado revolucionarios foram, pouco a pouco, por uma reacção do alcool sobre o cerebro não descripta ainda, dando em conservadores, sem comtudo deixarem de ser patetas como d'antes.

A freguezia era principalmente recrutada nas diversas classes do funcionalismo, sedento de honrarias e de proventos. Os deputados da provincia, livres durante a temporada das camaras da tyrannia das mulheres, iam pedir ao velho café dois dedos de indispensavel folia, bebiam, conversavam, fumavam, mas so-

bretudo bebiam, como a nossa historia constitucional nunca deixou de attestar no prurido de estadistas de tão attestados varões. Foi lá, com certeza n'essa turba, indo e vindo como as andorinhas, que enxergou Camillo o vulto grotesco do seu Callixto Eloy.

Estudantes, escriptores e artistas, constituam a camada pensante da casa, pouco numerosa porque o dinheiro não sobrava, mas representada sempre.

A mesada permitindo a uns o que a outros só por extravagancia ou offerta dos primeiros era licito, da academia, que passava e perpassava, os criados viam com summo prazer as migalhas das algibeiras a cahirem e a engrossarem o peculio de gorjetas. Com taes frequentadores nunca foi para surpresa, em dias de nordeste rijo, mesmo quando tal vento não soprava, o exclamar-se de qualquer parte: rapaz, meio de França, quente, com uma casquinha de limão!

Nas occasiões de alarme, em vespuras de qualquer festa por elles dada, os estudantes reuniam-se e no meio da população adventicia do café via-se sahir a nota viva, caracteristica, dada pela mocidade alegre, ruidosa e por vezes turbulenta.

A arte, a sciencia e a litteratura chegaram a vêr em torno d'aquellas mezas os seus espiritos mais primorosos: quasi todos os que n'esta terra pelo esforço do cerebro souberam conquistar nome lá fulguram como astros de primeira grandeza no meio da kaleidoscópica mescla.

Via-se alli de tudo, os novicos accorriam pressurosos para se relacionarem no meio que mais lhes convinha, para ouvirem a lição dos mestres, que despreocupadamente se entretinham n'um centro de tantos excêntricos formado. Alguns, ansiosos por conquistarem de assalto a celebridade a que visava o mais alto dos seus desejos, discutiam em pequenos grupos os escandalos litterarios que forjavam—não foi mais que isso uma *escala satanica*, de imagens mirabolantes a darem farto contingente para a troca nacional. Quasi ninguém, de certo, já se lembra d'ella, e eu proprio por mais que evoque as minhas recordações só tenho idéa de que appareceu publicada n'um jornal dos menos lidos a serie de linhas, cujo titulo era: *Em face do azul* a que um brejeiro qualquer respondeu engraçadamente com outra: *Em face do róxo*. A celebridade, posto que momentanea, veio afinal, provando-se assim que o grupo era de amadores de Bacco, sentença esta tida por justa até prova plena em contrario.

Do folhetim leve, repassado de fino sal attico, até á critica demandando a mais pesada erudição; das singelas manifestações da arte ás obras primas de epoca e renome; das elegancias do espirituoso monologo *A Bengala* ás novidades em barda do *Polycarpo Banana*; a anedota, as occurrencias do dia; os prismas da sinuosa politica—tudo servia de pábulo n'essas horas desenfastiadas ao animado convívio, e d'ahi, o falar-se com frequencia e com toda a razão no *delicioso cavaco do Martinho*.

João de Deus quiz tambem levar áquellas regiões a sua bohemia trajectoria. Pouco antes de abalar deixou uma vez escripto sobre a meza «pode-se escrever com cedilha ou sem ella». A que altas cogitações se teria dado o primeiro poeta do amor?

Quando cá fóra o governo pessoal e a reacção geral davam ao paiz o aspecto sordido de uma nesga da Turquia, no interior do café, da cratera escancarada do vulcão a rugir affigurava-se-nos que jorravam torrentes de fogo e de lava, e, não raro, tudo o que era fragil, ou susceptivel de se fazer em pedaços sem possuir tal dom, tinha de perder a sua integridade. Este foi o unico resultado attingido em todas essas luctas homericas que deram brado.

A fama da boa qualidade das bebidas, alli propinadas, corria



Entrada do castello de Windsor

como dogma; que na ampla e bem sortida frásqueira não havia garrafa alguma com rotulo a desdizer do conteúdo não era licito o duvidar; até que as queixas de alguns freguezes vieram pôr os creados de sobreaviso fixando-se as suspeitas n'um assiduo frequentador, que nas letras e na politica occupou um logar proeminente, o qual no gabinete reservado, sózinho a um canto, à medida que delineava os trabalhos ia pedir à genebra a inspiração que tanto o bafejava. A

fas dos estranhos nem desanimando perante os obstaculos de toda a ordem, propositados ou occasionaes, que lhe retardavam a marcha entorpecendo-lhe o caminho, com fome e com sede, cansado, velho e gasto, longe, para sempre, talvez, do conforto que a civilização lhe proporcionava, e, o que é um pouco peor, com saudades da terra que deixára, procurou, contando a vida por instantes, mas revestido de uma tenacidade que chegava à teimosia, realizar todo o seu sonho.

Sob a neve, cercado de gelos, morrendo a toda a hora para em seguida reviver mais dolorosamente, seguiu sempre óvante, suppondo achar naquelle ponto ainda não pisado, virgem ainda do espectáculo humilhante e desolador das luctas e ambições que por aqui se travam e arrastam, a felicidade que constantemente, minuto a minuto, os homens em vão procuram nesta velha parte do mundo ha tanto tempo conhecida.

— Se descobrir o Pólo serei feliz — diria elle. — O meu nome voará aos quatro cantos da terra, será proferido por todas as bôcas, escripto em todos os idiomas.

E effectivamente. Ha algumas semanas que a noticia do seu feito alarma a humanidade.

Depois da descoberta do cinematographo, surge a do rádio. Depois destas, as satisfatorias experiencias dos aeroplanos. Depois de Edison e de Curie, Wright Bleriot e Zepellin. O movimento de curiosidade foi avassallador, o que não obstu a que em breve a apatia dominasse novamente todos os espiritos. O homem, eternamente insatisfeito, queria mais. Pediam-se coisas novas, novos emprehendimentos e novas loucuras.

— Ha tanto que fazer! — dizia-se.

E alongavam-se olhos perscrutadores nos *abyssos insondaveis do Futuro*.

Muitos, menos ambiciosos ou mais covardes, murmuravam que era necessario poupar novas victimas á eterna voracidade da Sciencia, que a vida é curta e amarga, e que, por conseguinte, não vale a pena gastal-a em longas emprezas e em dolorosos sacrificios...

— Victimias! — retorquia-se, com um riso de mofa e até de escarneo. — Victimias! Mas, parar é morrer, e a morte, assim, é estúpida, é ridicula, é banal... para os que assistimos ao desenrolar dos factos em volta do fogão. Querem-se coisas desconhecidas. Façam rir ou chorar, pouco importa. O necessario é que nos divirtam ou nos commovam.

E, entediados, lançavam mão da ultima novella que não liam.

Passaram, porém, os mezes e nada surgia de assombroso e de novo. Os sábios continuavam mudos, os genios mais emprehendedores encerravam-se numa inacção indesculpavel, e a imprensa, essa bocca enorme que a toda a parte leva o seu grito audaz e revoltado e para tudo o que é bom empresta a força poderosa dos seus musculos de aço, limitava-se a segredar aos ouvidos de cada um scenas triviaes, namoricos e pequenos escandalos de familia, como se fosse



Castello e parque de Windsor

fraude da agua, já velha em annaes de botequim, não mais veio incommodar qualquer outra pessoa, passando a haver uma garrafa só para elle destinada, e, n'aquelle recinto, onde tantos genios e tantos pedaços de asno florescia, ninguém veio de novo atacar os preciosos liquidos.

A civilização chegou por fim acabando com tudo isto, e, levado pela curiosidade, lá fui também vêr os estragos do cataclysmo. Por entre a bulha ensurdecidôra da musica de cima, da vozzeria de baixo, um creado, aprumado na sua casaca, dirige-se a mim — que cheguei a vêr o Valentim servindo em mangas de camisa — e na lingua de Voltaire diz-me: *Monsieur, voulez-vous du café? E' de espantar quanto temos progredido.*

Por essas edades fóra a gente por vir ouvirá a guitarra gemendo ao canto *dolente*:

O' Martinho que já não és!

L. T. MARREÇAS FERREIRA.

O dr. Cook e o Pólo

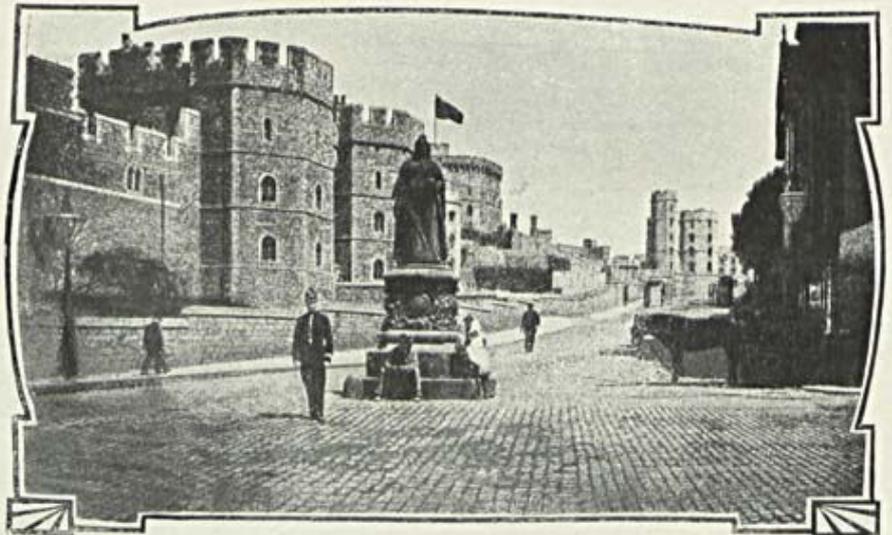
Do Sonho á Realidade

Diz-se que não ha goso perfeito na vida, e diz-se uma grande verdade. Suspira-se demoradamente por um bem que se não possui, e quando menos o esperamos, eil-o que surge a nosso lado, na nossa frente, com o ar simples e despreocupado de quem se não fez esperar. Em geral, o primeiro momento é de assombro. O coração bate com mais força, empallidece-se, as mãos apertam-se uma contra a outra, os olhos turvam-se de lagrimas e os labios entreabrem-se pasmosamente sem um som. Abarca-se o mundo num relance, bebe-se dum trago toda a felicidade tanto tempo procurada. Em seguida, porém, e talvez por isso, vê-se que falta alguma coisa, que o bem possuido nada encerra do bem imaginado em longas vigílias e em longos sonhos, e ao gesto de espanto succede, acto continuo, um outro mais resolutu e mais formal, de despeito e até de raiva.

Quereis um exemplo? Lede o penultimo capitulo da narrativa de Cook. E' frisante.

Gastando o melhor da vida em preparativos e tentativas heroicas e demoradas para a descoberta do Pólo, nada o assustava: nem o fracasso dos outros exploradores, nem as animosidades que sempre acompanham os que altivamente procuram alcançar a meta dos seus desejos.

Pensou, luctou, venceu. Não se curvando nunca perante as chu-



Um aspecto exterior do castello de Windsor

uma senhora vizinha bisbilhoteira. Bocejava-se. O espreguiçamento era continuo, continua a irritação de reporters e chronistas. A humanidade, emfim, roncava.

Veio, porém, o verão. E quando toda a gente, á falta de melhor, se arrasta para as praias e para o campo, na antevisão dumas horas mais de aborrecimento, Cook, tiritando de frio, embrulhado ainda no seu casaco de pelles, vem, com um ar de despeito mal contido,

relatar á humanidade desiludida as impressões da sua longa vilegiatura pelo Pólo.

Depõem-se as malas, suspendem-se os preparativos de partida. A minha vizinha Laura — uma pequena olheirenta e pallida, de voz esganicada e uma duzia de calos no dedo minimo de cada pé — deixa de tosar o pobre piano e prepara-se para ouvir demoradamente o novo viajante, suppondo desde logo assistir ao desenrolar de scenas tétricas e de amores mal correspondidos, como succede nos romances de Terrail e Montépin.

E Cook fala. Vem orgulhoso, é certo, mas vem triste. Durante semanas, durante mezes, alimentou a doce esperanza de ser feliz. A tristeza dos maus bocados não lhe offuscava a alegria que em sonhos imaginou tocar com as suas mãos tremulas e geladas. Nada o deteve. Foi. E quando suppunha sentir estalar o coração de felicidade, sentiu-o contrahir-se na dôr amarga duma saudade, frio como o gelo que o cercava, desolado como o horisonte que se desenrolava ante elle.

«Um sentimento de solidão interna se apoderou de nós, ao prescrutarmos cuidadosamente o horisonte. Era então este logar tão triste que tinha excitado a cubiça dos homens desde tanto tempo? Campos de neve sem fim e côr de purpura... etc.»

Ai! É bem certo. Descoberta toda a terra, não se encontrou nem se encontrará jámais a Ilha Encantada da Felicidade. Mais um sonho que se foi, como tantos outros forjados por espiritos phantastistas.

Irmã dos antigos deuses, dos deuses velhos de todas as religiões, a Felicidade, ficticia como elles, com elles morreu. Chorem-na os que ha tanto tempo a procuram, porque, como as batidas e desbotadas rosas de Malherbe, não durou mais do que *l'espace d'un matin*.

Lisboa — Outubro, 1909.

Mario Salgueiro.

Os primos

Os primos do primo Bento
E as primas do primo Brito
Vão contrahir casamento
Segundo o Sagrado rito
Do concilio de Trento.
Não ha o mais pequenito
Symptoma de impedimento,
Por isso as primas do Brito,
Com uma simples licença,
Unem-se aos primos do Bento
Sem ser precisa dispensa.

As primas Serpas apenas
Souberam de taes razões,
Das grandes ás mais pequenas
Foram ás primas Leitões
E ás primas do primo Brito
— Vulgo, primas Aragões.
E todas como um palmito,
Mais ligeiras do que o vento

Em dia de temporal,
Proclamam o casamento
Dos primos do primo Bento
Co'as primas do primo Brito,
Que não tem impedimento
Canonico ou social,
Nem processo por escripto
Et cætera... Porto & Tal ..

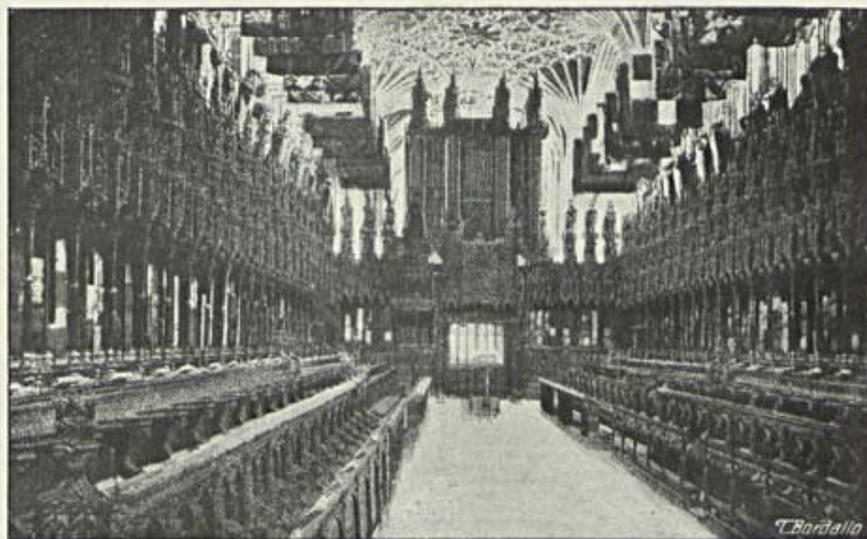
Dom Pedro — a nata dos primos,
Que até parece um Doutor
Com borla, capello e tudo,
(Salvo seja — estando mudo)
E mais o primo Gouvêa,
Honorable Santo Amaro,
Enchem as primas de mimos
De extraordinario valor
E bom gosto fino e raro;
Applaudindo muito a ideia
D'estes nobres casamentos
Entre primos naturaes:
Por isso casam os Bentos,
Os Britos e outros que taes,
Mas sem os impedimentos
Como ha n'alguns casamentos
Dos que são simples mortaes.

Parabens ás primas todas,
Mais aos primos em geral,
Que vão ter as suas bôdas
Sem a dispensa Papal;
E desculpem este mimo
Da graça e prazer jocundo
De um pobre, que não é primo
Nem parente virtual
Dos felizes d'este mundo...

Mas, por Deus! é racional.

Coimbra

FRANCISCO DE MENEZES.



Capella de S. Jorge no castello de Windsor



Os accusados perante o tribunal



Os advogados dos réus

Julgamento dos incendiarios da Magdalena

Estatuaria

Uma obra portuguesa premiada no Brasil

Ha cinco annos, o desditoso Alfredo Serrano chamou a Fernandes Caldas um sincero e um modesto, sem reclamos e sem pedantismo.

Se é verdade que para se ser um artista superior basta ser fiel á natureza e á commoção, imprimindo á obra de arte o cunho da exactidão e da sinceridade, Serrano condensou em dois adjectivos o elogio do artista portuense.

Na verdade, Fernandes Caldas é um modesto e um sincero, e tão sincero que, examinando as suas obras, vê-se-lhe tremer a mão dolorida quando em frente de um publico religioso destituido de faculdades estheticas, tem de sacrificar uma parcella da sua concepção na factura de um panneamento ou na addição de qualquer symbolo inexpressivo.

— Mas — perguntará alguém — o Caldas transige?

Sim, transige por vezes, mas sómente com pequenas formulas de lithurgia bafienta, e ahí está um sacrificio e tambem um argumento do seu valor.

Não me accusem de paradoxal, que já me explico.

Fernandes Caldas teve a coragem piedosa e o desinteresse invulgar de abraçar a escultura religiosa n'um paiz de beatos epilepticos e de indifferentes epicuristas.

Emquanto os cultores de todas as artes, incluindo os da escultura profana, quebram os convencionalismos estheticos, dizendo á multidão que tem «o direito de patear, mas não de mandar», imprimindo ás suas obras a ideia integra com os menores detalhes de expressão e de indumentaria, sem que por isso o publico deixe de os comprar, F. Caldas vê-se quasi só no seu atelier, impotente para operar na estatuaria christã uma evolução racional e benéfica, á falta de quem o ajude.

Quantas vezes o pobre Caldas depois de ter de lineado um S. Braz, de lhe ter estudado o gesto, o traje, o aspecto que dê melhor a expressão da sua ideia, ha de ter recebido carta do freguez advertindo em N. B.: «Quero o S. Braz direito, de pé, mitra amarella cravejada de toposios, baculo nas mãos e luvas de viagem pastorals». Tratando-se de um Santo Antão, acrescentaria: «Não se esqueça do competente porquinho.»

Que amargura para um artista!

Outro responderia com uma praga. F. Caldas, resignado, desliga-se do compromisso, se vê mutilada a sua ideia, e apenas, de longe em longe, vae transigindo com a factura de um ou outro symbolo inexpressivo.

Outras vezes ha de receber encomendas de *Virgens das Dóres*, de espada entre os seios, mas gracios e frescas como madonas tentadoras de Corregio; e tambem, não raro, ha de surgir a encomenda de um *Jesus olympico*, de apothoseo czarina, tendo na mão alçado o sceptro formidando com que ameaça pulverisar o mundo, e, na frente, o diademata activo e caro de um Jupiter mal humorado. Em resumo: um *Czar Celeste!*

Parece impossivel que no meio d'este absolutismo artistico, imposto por fanaticos endinheirados ou ignorautes caturras, Fernandes Caldas tenha mantido o seu ideal, resistindo á tentação de se fazer rico!

Mais ainda; admira que elle tenha vencido preconceitos incompatíveis com a arte moderna que, no dizer de um critico illustre, deve ser humana, viva, forte e vibrante.

Como é adoravel aquella *Virgem* do Caldas desolada aos pés da cruz, a beijar enternecidamente a fronte do Filho morto!

Que nota de profundo artista e tambem que golpe nos convencionalismos gelados!

Em quasi todos os descendimentos da cruz, a *Virgem*, tendo sobre o regaço o corpo de Jesus affastado do peito e os olhos cravados no céu, dá-me a impressão de se estar queixando á Providencia de já ter os joelhos cansados...

Na escultura de Fernandes Caldas, o corpo de Jesus deixou de ser um fardo para ser uma reliquia de amor.

Eu sei que esta minha apreciação vae ferir as grandes orelhas espirituales de alguns *santinhos* que não podem admittir um beijo de Maria na frente do Homem-Deus.

Para estes, deve haver na cabeça

da Mãe de Jesus um elastico, esticando-lhe apenas a cabeça para o extase ou debruçando-lh'a para a serpente.

Não se lembram de que entre o céu e a serpente vive a humanidade.

Segundo a minha fé, não creio que Maria leve a bem a sua deshumanização a esta especie de devotos mysticos, mystificados ou mystificados.

Infelizmente, com pequenas excepções, são estes e outros que vão sustentando a arte religiosa em Portugal.

Como se vê os Mecenases endinheirados e despotas ainda não acabaram. Como nos dias de Luiz XIV que se aborrecia em frente dos trabalhos de Van Ostade e de Teniers, adorando os abortos de Pater e de Lancret, hoje, a escultura religiosa em Portugal precisa ainda ser approvada e dignificada pelo cunho artistico do annel mecenco.

E o artista curva-se e satisfaz o Mecenase, murmurando-lhe servilmente o que Ariosto dizia ao duque de Ferrara, ao entregar-lhe o seu *Roland*: «Senhor! Nada importa que a minha obra desagrade aos outros, pois foi escrita apenas para vós!»

Fernandes Caldas não é um artista que lisonjeie. Não se pode applicar á sua obra a reprimenda que um grande artista francez deu a Courbel quando no fim da vida este, quiz adular o publico: *Courbel, pour l'écraser d'un mot, á fait du joli.*

Incapaz de lisonjejar a galeria, muito menos se concebe que Fernandes Caldas sacrifique a sua orientação esthetica á lisonja de um homem.

Assim, as suas obras, se exceptuarmos umas leves concessões feitas á lithurgia da indumentaria e de alguns symbolos inuteis, inexpressivos, apresentam uma unidade de vistas, uma curythmia esthetica que muito me apraz ver e louvar.

Olhando as esculturas de S. João Baptista, S. Matheus, S. Antonio, S. Boaventura e

S. João Evangelista, não encontramos n'ellas o realismo hyperbolico, quasi repugnante, dos penitenciados de Donatello, nem descobrimos nas *Virgens* e na *Sacra Familia* a graciosidade fresca, luxuriosa, dos artistas christãos do seculo xvi.

O escultor portuense mais parece um admirador de Ribera e de Murillo, deixando nos corpos dos seus estatuidos, por entre os vincos fundos da penitencia, uns vestigios de belleza humana.

As imagens do Caldas não são anjos humanizados, são homens santificados. Na expressão dos seus rostos, transfigurados pelo extase, descobre-se sempre um traço fundo de humanidade.

Assim, Fernandes Caldas, não se deixando ir atraz de puras abstracções, reconhecendo a sua impotencia de artista para marmorisar um anjo ou um Deus, torna-se um artista profundamente humano, sem descurar o fim religioso.

Respeitando o principio de Hogarth, não tem a preocupação da belleza — inutil nas obras de arte. Basta-lhe ser verdadeiro.

Assumptos religiosos



Nossa Senhora do Rosario

Escultura de Fernandes Caldas

Premiada com medalha de ouro na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908



Casal catalá

Devido á iniciativa do sr. dr. Ribera y Bovira, um distincto escriptor catalão e um grande amigo do nosso paiz, installou-se ha pouco em Lisboa, no Largo do Intendente, uma casa com o nome que sublinha a nossa gravura, exposição permanente dos variadissimos productos da industria da Catalunha, alguns dos quaes constituem verdadeiros trabalhos artisticos. Veem-se ali materiaes de electricidade, machinas, tecidos de seda, algodão e linho, automoveis, pianos, orgãos, pianolas e guitarras, joias, leques, armas de caça, productos chimicos, etc., etc.

A Catalunha por tantos titulos tão sympathica para os portuguezes, liga-se assim ainda mais a nós, dando-nos uma amostra do seu trabalho e uma prova da sua vitalidade.

Não ha para elle assumptos odiosos e humildes. Com tanto amor modela os remedos de S. João de Labre, como as vestes prelaticas de Santo Agostinho.

Ha, porém, nas Virgens de Fernandes Caldas decorações de que me atrevo a discordar; são as pedrarias que recamam e abrilhantam os mantos de Maria. Bem sei que estes accessorios decorativos nada teem com a esthetica da esculptura; mas os meus orgãos visuaes escandalisam-se quando olho a Mãe de Jesus, deslumbrante e rica como uma millionaria americana, tendo a seus pés resando tanto *fiel-farrapo* morto de fome.

Deixem-me falar mais franco, com mais desassombro: nos padres — seja qual for o seu grau hierarchico — e nos santos — sejam embora filhos de principes, escandalisam-me as sumptuosidades inuteis.

Reunir no mesmo corpo pompa e santidade, é bem difficil como fundir n'uma alma a doçura humilde de Jesus e o fogo brilhante de Satan.

Não se vá julgar que discordo d'este adorno, apenas por um motivo sentimental. Exige-o tambem a verdade historica.

Alfredo Serrano applaudiu as lantejoulas e as pedrarias na estatua de *Magdalena* por serem de uso antiquissimo nas vestes femininas. Muito bem. Mas a Peccadora era uma castellã rica e faustosa que bem podia usal-as. Maria de Nazaréth, a pobresita, não teve dinheiro para comprar o cordeiro levítico, quanto mais para o luxo das pedrarias.

Dar se-ha o caso de Maria se ter afeitado, ou de nos parlamentos ethereos terem votado uma grossa lista civil á Rainha dos céus que lhe permita agora fornecimentos pomposos nos joalheiros de Amsterdam?

Não creio. E Fernandes Caldas tambem não cre.

Mas o artista tem de transigir ás vezes com os habitos luxuosos da aristocracia christã e com os symbolismos da plebe inculta, o que — deixem-me repetir — não diminue o valor da obra do esculptor.

Estas pedrarias veem-se tambem na *Senhora do Rosario* galardoadá com medalha de ouro na exposiçõ fluminense, obra bastante para affirmaçõ de um artista.

O gesto d'esta *Virgem*, de pé, apertando ao longo do corpo com a mão esquerda, o Filho que tem os pésitos mal seguros, quasi deslizando, so-

bre a perna levemente arqueada da Mãe, é fielmente observado. Todos nós já vimos assim em qualquer parte uma mãe erguendo o filho no braço.

As roupagens finamente esculpturadas, delicadamente pintadas por Albino Barbosa em desenhos de puro estylo judaico, cabem naturalmente sobre um throno de cirrus alvissimos d'onde emergem cabecitas de seraphins graciosos como anjos acarinhados pela mão de Mattes de Giovanni. E a dominar toda esta simplicidade encantadora, a expressõ levemente magoada de Jesus e Maria, absorvidos, extaticos, no deslizar de um rosario florido, passando por entre os dedos, cobertos de flores, as contas symbolicas de um martyrio que os felicita e amargura...

Muito e muito mais havia a dizer da obra de Fernandes Caldas



(Cliché de A. C. Lima).

Bonus Phantastico. — Uma das salas

Com a assistencia de varios membros da imprensa inaugurou-se ha dias em Lisboa este estabelecimento que é um modelo no seu genero. Nas vitrines das suas vastissimas salas veem-se os mais artisticos e valiosos brindes.

e do ambiente estreito e bruto para onde elle trabalha, mas este já vae longo. Concluindo-o quasi bruscamente, quero recomendar insistentemente ao esculptor portuense que não se esqueça de fazer, para sua devoção particular, uma *Senhora dos Resignados*...

PADRE ALVARES DE ALMEIDA.



Francisco Rangel de Lima

† a 31 de outubro de 1909

Funcionario publico, escriptor, jornalista, dramaturgo, chefe de familia, homem de sociedade, em todas as manifestações da sua vida, em todos os aspectos do seu caracter, Rangel de Lima assignalou-se por uma tão primorosa correcção, por uma tão alta e consciente dignidade, que ninguem poderia assacar á sua memoria a sombra de uma só mancha.

Na imprensa, em que longos annos militou, deu exemplo a todos — e principalmente áquelles que hoje fazem consistir a sua vida e superioridade em desmandos de linguagem — de uma tão accentuada nobreza de escriptor, que bem pôde chamar-se-lhe a nobreza da penna.

Não ascendeu no theatro á altura que só attingem as aguias, mas n'esse campo como nos outros, a clareza da sua intelligencia e a honestidade dos seus processos revelam no escriptor, alem de uma capacidade não vulgar, o mesmo forte senso moral, o mesmo meticuloso cuidado de fixar sempre n'um plano alto e puro a sua dignidade.

Nós que o conhecíamos bem e com elle lidámos cerca de trinta annos, podemos assegurar que são a expressão incontestavel da verdade as palavras que ahí ficam, e em que rapidamente procuramos resumir os traços que caracterisaram a sua inconfundivel personalidade.

Ao cerrarem-lhe, repassados de magna suprema, os apagados olhos, os filhos que elle estremecia e lhe pagavam esse amor com igual affecto, deviam ter encontrado este lenitivo unico á sua immensa dôr: o de se verem honrados com o nome que elle lhes legou e fortalecidos pelo exemplo das qualidades raras que lhes deixou como unica mas preciosa herança.



Rangel de Lima no leito mortuario

O Trophéu de Xadrez Luso-Britannico

Trecho da *Ode Triumphal* á Rainha Amelia, declamada no Gremio Litterario na sessão solemne de Inauguração, em 14 de outubro

Foi o Oriental Oceano
Taboleiro de xadrez
Em que Portugal ufano
Jogou com o Reino Inglez.
Quão formidavel partida!
Eis Grã-Bretanha luzida
Com as gemmas do Indostão!
Ondas do Tejo infelizes,
Nobres corseis sem telizes,
Galopam na escuridão!

Quaes collares de diamantes,
Esmeraldas e rubis,
Talhados n'alguns instantes,
Perdem as filhas gentis,
Os Dominios Portuguezes
Viram passar aos Inglezes
Joias de tanto esplendor,
Que lá no opposto hemispherio,
Por mercê do Luzo Imperio
Pompêa mui grão senhor.

Porque não tendes no collo
Molucas, Ceylão, Ormuz?
Bem sei que as neves do pólo
Não carecem de mais luz.
Macau, Timor, Damão, Gôa,
(Não já rival de Lisboa)
Choram antigas irmãs.
Torso que não sonhou Guido,
Não deixeis cahir no olvido
De Aurora vestes louças.

Nação que nunca foi fraca
Perdeu mil rozas de Abril:
Adeus Maldivas, Malaca,
E Tanger, Ceuta, Brazil.
A Corôa Portugueza,
De todas linda princeza,
Na dynastia de João,
Com sentido mais ethereo
Englobará em seu imperio
A Persia, a China, o Japão!

Mas como ha juiz permanente
Que rege o Mundo veloz,
Quem sabe se essa India ardente,
(Presa em Cythera por Vós)
Não tornará portugueza
Bombaim, perola ingleza?
Se o throno de Portugal
Vae ter noiva de Inglaterra
Governarão toda a Terra
Vossos Netos, afinal.

No anniversario das Lizes,
Dia de São Wenceslau
Tem as flores mais matizes
As aves melhor sarão.
Pois não possuo o Universo,
Vae tu, epinício terso,
De Amelia os pés tapizar!
Tibia homenagem do Lena,
O' pura e régia Açucena,
Dignai-Vos de perdoar.

Alfredo Ansúr.

Os olhos e a idade

O museu de Stockolmo possui uma interessante collecção de olhos que pertenceram a pessoas de diferentes idades; e em cada um d'esses olhos, foi dado um corte que permite examinar a sua estructura interna.

Nos olhos das crianças, observa-se uma transparencia quasi igual á da agua; os d'um semi-adulto são menos transparentes; no homem de trinta annos, começam a ser levemente opacos; no individuo de cincoenta a sessenta annos, já são, além de mais opacos, desprovidos de brilho.

Este desenvolvimento gradual da opacidade deve-se ao nascimento do tecido fibroso e á accumulacão de materia deteriorada no olho.



O príncipe Ito

Um dos maiores estadistas e patriotas do Japão, recentemente assassinado por um coreano

THEATROS

Príncipe Real, O Pé Leve, drama em 7 quadros extrahido por Jules Mary do romance *Vingança de Claudina* e traduzido por Accácio Antunes. — **Gymnasio, As Mulheres dos Amigos**, comédia em 3 actos vertida do francez por Camara Lima. — **Avenida, O sonho de valsa**, opera comica em 3 actos, de Felix Dormann e Jacobson, musica de Oscar Strauss, traducção de Accácio Antunes. — **D. Amella, Gymnasio, Rua dos Condes, Colysen, Trindade, O sonho de valsa.**

Eu não sei se os leitores se arriscaram já alguma vez pelos labyrinthos incommensuraveis dos romances de Jules Mary, Emilio Richebourg, Eugenio Sue, Ponson du Terrail, Peres Eschrich e tantos outros cujos nomes correm estampados no alto dos folhetins. Eu, confesso-o, nunca. Tive sempre um profundo horror áquelles romances de meio metro de volumes. O receio de, chegado ao fim,

não; sou muito capaz, e sem omitir um unico pormenor, de lhes relatar toda a historia do *Rocamboles*; não, repito, por que a lêsse... mas por a ouvir contar sobejas vezes.

Se ao leitor, porém, agradam as scenas apaixonadas, o imprevisito d'aquellas situações, o estampido dos tiros, o relampejar de folhas de navalha, que se vão afundar nos peitos dos infelizes a quem a phantasia do auctor appeteceu despachar para o outro mundo, o baquear dos corpos inanimados, se tudo isto o emociona, o sensibilisa, vá ao **Príncipe Real** e lá encontrará uma peça que o deve satisfazer por completo.

O **Pé Leve** é um garoto, que Amelia Pereira nos apresenta no primeiro quadro muito rosado e de fulva cabelleira, o qual vive n'umas ruinas em companhia de uma sua irmã adoptiva que se chama Claudina—e que por signal foi bem interpretada por uma gentil creança, cujo nome agora nos não occorre.

E' durante a guerra franco-prussiana. Ouvem-se os tiros; os toques de corneta; rumores; a inquietação pinta-se no rosto das duas creanças que do seu posto de abrigo assistem áquellas scenas tragicas. Succedem-se vários episodios, acabando este quadro por a *Marqueza de Mauleón* (Olivia de Almeida), uma yiuva rica que passa a vida disseminando o bem, levar Claudina para a educar, com a devida auctorisação da Assistencia Publica.

Os outros seis quadros passam-se doze annos mais tarde. Claudina apparece-nos então em toda a desenvoltura de uma jovem de dezoito annos, interpretada por Herminia Lister e dando pelo nome de *Joanninha*. O **Pé Leve** já não é Amelia Pereira, que retomou as suas vestes femininas para fazer o papel de *Gigolíná*, uma creada de que Deus livre os estimados leitores, mas sim o sr. Carlos Leal, que n'este papel tem um optimo trabalho. Toda a acção que, como já dissémos, está recheada de lances dramaticos, se resume no desejo constante do **Pé Leve** em se approximar da sua companheirasinha de outros tempos. Descobre-a emfim; consegue falar-lhe, mas sem se dar a conhecer, porque do rapazinho de cabelleira fulva do primeiro quadro, resta apenas um pobre desgraçado de aspecto quasi repugnante, cheio de signaes de queimaduras, motivadas por uma explosão a bordo de um navio onde servira como marinheiro.

Por fim tudo vem a descobrir-se, não sem primeiro o **Pé Leve** ter morto o sr. Jorge Gentil, *Gaspar de Mauleón*—o tyranno da peça, o que valha a verdade é acção muito feia, tanto mais tratando-se de um collega, mas... era da peça.

Parece-me que a empreza do **Príncipe Real** foi feliz na escolha porque a peça é de agrado seguro para a um certo publico, que ainda gosta de antiguidades.

Não fecharemos esta noticia sem nos referirmos ao primoroso trabalho do actor Luciano, n'uma pequena rabula, e que foi applaudido com justiça.

Arthur Rodrigues no *Trinca espinhas* muito bem, mostrando ser artista de largo futuro, e Maria das Dóres na *Catutua*, bem como sempre.

A traducção de Accácio Antunes muito cuidada, tendo tambem agradado o scenario, devido ao pincel de Luiz Salvador.

As mulheres dos amigos, traduzida pelo distincto escriptor Camara Lima, collaborador d'esta revista, foi a primeira peça nova da presente epoca, no **Gymnasio**.

Como a maioria das peças francezas d'este genero, não tem quasi enredo, prendendo a attenção do espectador unicamente pela vivacidade do dialogo, que deslisa espirituosamente, repassado de ironia, malicioso mesmo, e pelas situações—algumas até bem felizes, na peça em questão, con.o a do pedometro e a dos chapéus no 3.º acto.

Em todas aquellas scenas que se desenrolam á nossa vista, de-



Funeral de Antonio Manuel Teixeira

Fixámos no ultimo numero do Brasil-Portugal a sensação que produziu a morte precoce e inesperada de Antonio Manuel. Completamos hoje essas palavras com a reprodução de alguns aspectos do seu funeral, em que todas as classes de Lisboa tomaram parte, não só como preito á memoria do extinto, mas como demonstração de partilharem a dor soffrida por aquelle que tinha em Antonio Manuel o mais leal e dedicado amigo.

Junto do caixão mortuario e afastando d'elle o olhar para que de todo lh'o não turvassem as lagrimas amargas da saudade, destaca-se no primeiro grupo a figura do visconde de S. Luiz Braga, que lamenta, mais que a perda do seu antigo secretario, a falta do seu devotado amigo.

me ver forçado a retroceder por já não me lembrar quem era, por exemplo, o cidadão que voltava inopinadamente do exilio, para onde lóra vinte annos antes e de quem não mais se falára, fez com que se tornassem inviolaveis para mim esses repositórios de scenas tetricas, que fazem dilatar as glandulas lacrimaes das burguezinhas romanticas.—Mas não pensem que eu sou para ali um ignorante,



Funeral de Antonio Manuel Teixeira

baixo de uma apparencia hilaritante ha verdades amargas, que penetram no viver intimo de muitos lares, escalpellizando sem dó nem piedade.

Muito concorreu para o bom exito da peça a traducção do sr. Camara Lima que no assumpto é mestre.

O nosso querido Valle tem no papel de *Beaupageot* uma das suas melhores creações d'estes ultimos tempos. E' um trabalho completo, consciencioso, brilhante mesmo, em que o distincto artista

nos patenteia a enorme somma dos seus recursos artisticos. Em segundo lugar temos Alegnim, que é um dos maridos atraíçoados, dos tantos que ha na peça e que são todos, o qual se vae revelando um grande artista, confirmando assim as esperanças de todos os que o têm acompanhado no evolucionar da sua curta mas já gloriosa carreira. Telmo com aquella jovialidade muito sua, sempre á vontade, dizendo com naturalidade e representando admiravelmente, sahio-se lindamente n'um galan, genero da sua especialidade. Augusto Machado, Monteiro, Cesar de Lima e Vieira Marques muito bem.

Do elemento feminino portaram-se todos de fórma a merecerem os mais rasgados elogios e foram ellas: Laura Hiresch, Rosa Andrade, Lucilia Silva e Judith de Mello.

Avenida, O Sonho de Valsa.

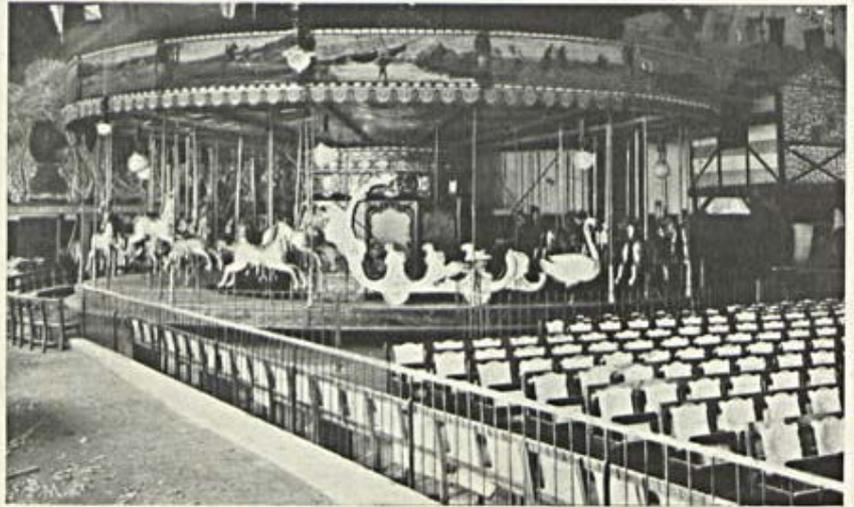
Traçamos estas linhas ainda debaixo da agradável impressão da inspirada partitura do maestro Oscar Strauss, sublime de maviosidade, arrebatadora, que nos delicia e encanta!

O dialogo, embora espirituoso, é pobre, e o enredo futil, como o da maioria das operettas allemas. Na musica reside toda a sua belleza. Tem numeros felicissimos, geniaes mesmo,—como a valsa, o duetto do segundo acto entre *Franzi* e *Lothario* e o d'aquella com *Niki*. Aproveitamos a occasião para felicitar-mos o distincto maestro, sr. Assis Pacheco, pela sua acertada direcção.

Demanda esta peça de um guarda-roupa luxuoso e de um scenario magnificente. A empreza assim o cumpriu.

Gostámos immenso de ver a actriz Cremilda de Oliveira no difficil papel de *Franzi*; deu-lhe a desenvoltura e o sentimento que a personagem requer e cantou primorosamente. Ha muito tempo que a não viamos e ficámos maravilhados com os seus rapidos pro-

O Music-Hall



Hangar superior — Plateia e carroussel

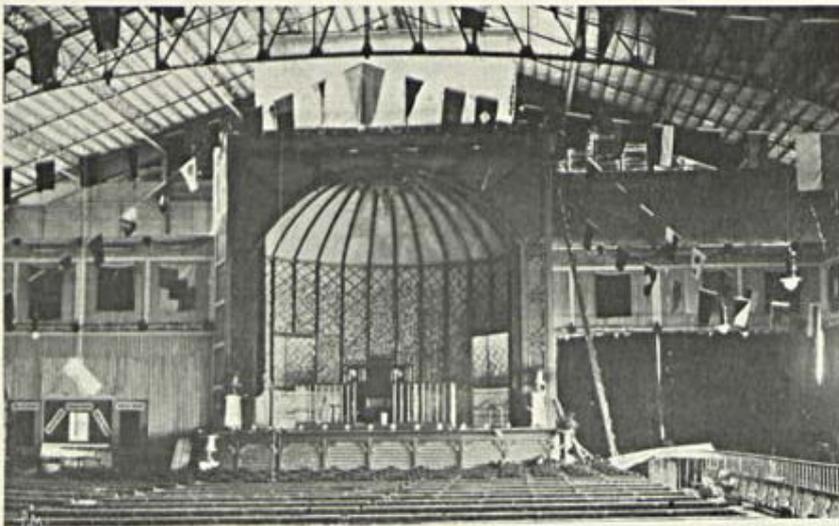
O MUSIC-HALL

Faltava a Lisboa uma casa de espectaculos onde podesse divertir-se o povo, por preços mínimos. A grande lacuna veiu preencher-a o *Music-Hall* que occupa tres vastos pavimentos no mais bello local da Avenida da Liberdade, em frente do Monumento dos Restauradores.

E' velha praxe d'esta Revista incitar com o seu applauso todas as tentativas, todos os emprehendimentos que tenham por fim beneficiar e servir a capital em qualquer dos aspectos e manifestações da sua vida moderna. Tudo o que represente uma innovação tem o nosso apoio, tem a nossa adhesão e o nosso louvor tudo o que aproveite e utilize ás classes populares. E como não só de pão vive o homem, reputamos da maior conveniencia a exhibição de espectaculos e divertimentos que as distraiam e alegrem durante as poucas horas que lhes deixa livre o trabalho quotidiano.

Sob esse ponto de vista não merece senão applausos o proprietario do *Music Hall*, sr. Antonio dos Santos, que tendo apresentado em Lisboa o primeiro animatographo que appareceu, não se contentou com os louros e as loubas, e no momento em que a cidade estava infectada de animatographos, vindos depois do seu, se abalancou a empreza maior, dotando Lisboa de uma ampla casa de divertimentos populares, alguns dos quaes as nossas gravuras d'esta pagina reproduzem.

Com um bocadinho de vontade, de esforço e de capital, ainda não perdemos a esperanza de ver transplantado para Lisboa o... *Luna Parc*, de Paris.



O Music-hall. — Hangar superior — Palco para animatographo e variedades

gressos. Pode orgulhar-se de ter conquistado um dos primeiros logares no genero a que se dedicou. Pela graça do dizer e pela maneira como sublinha o *couplet* lembra-nos a nossa *Mercedes Blasco*, que até agora não encontrára rival no nosso meio.

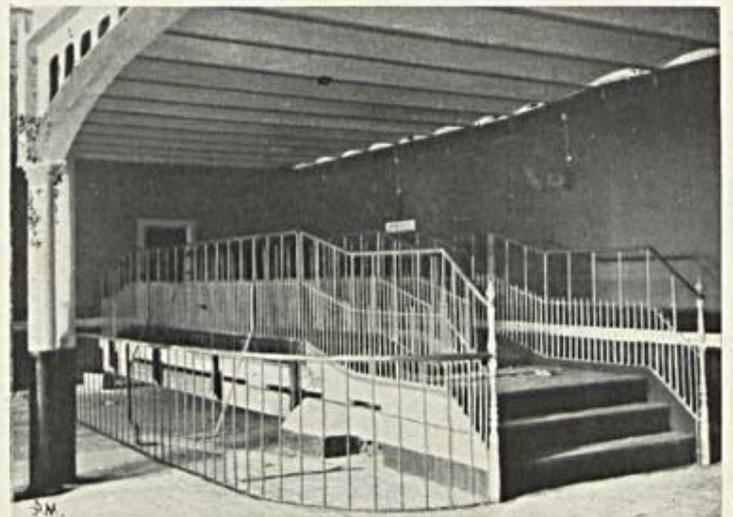
O actor Pinto Ramos, *Niki*, cantou bem, e se não affectasse a personagem conseguiria sahír-se airosamente.

Isabel Ferreira muito bem na *Frederica*, dizendo e representando com arte.

Sophia Santos carregou o typo, mas não desmanchou.

Gomes e Grijó foram dois comicos excellentes, aquelle no Grão-Duque e este no *Lothario*, sem carregar a nota nem dizer piadas de sua casa, o que é sempre condemnavel. Vianna, n'um pequeno papel dos chamados, em calão theatral, *canastões*, defendeu-se bem. Os côros afinados. Na marcação notava-se mão de mestre e a traducção muito boa.

O **D. Amelia** por enquanto tem-se limitado a passar em revista as peças de maior agrado do seu vasto repertorio, annunciando-nos para breve a primeira do *L'amour veille*, de Flers Caillavet. O **Gymnasio** prepara tambem uma peça dos distinctos escriptores hespanhoes,—irmãos Quintero. No **Rua dos Condes** a *Abelha Mestra* teima em não sahír do cortiço. O **Colyseu** tem tido enchenentes todas as noites, e as novidades succedem-se. A **Trindade** tem em scena com extraordinario brilho a mesma peça do **Avenida O Sonho de Valsa**, e da sua exhibição nesse theatro occupar-nos-hemos no proximo numero. E basta por hoje.



O Music-hall. — No segundo pavimento — Ponte infernal da lua

Ruy,